

antónio CHAINHO

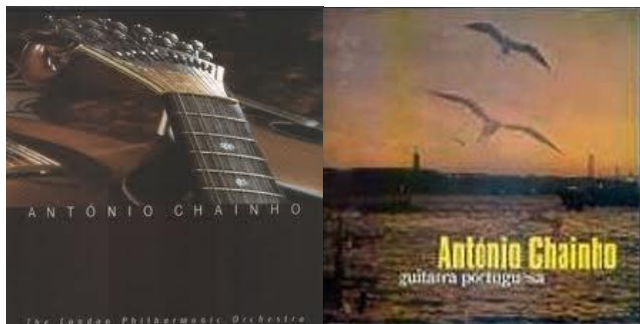
UMA BIOGRAFIA

Quando saíu da tropa, estava decidido que o seu destino seria a guitarra portuguesa. Corriam os anos sessenta e António Chainho, alentejano e no vigor dos vinte anos, logo demonstrou o seu virtuosismo nas doze cordas. Para trás ficava o café dos pais, em São Francisco da Serra (Santiago do Cacém), onde, aos oito anos, se tinha iniciado nas lides. O pai manejava a guitarra, pousada sobre a mesa de bilhar e sempre à disposição, com destreza; e o filho, aos treze anos, já se apresentava em público.

Inspirado em mestres como Armandinho, estreia-se na casa de fados A Severa, a que se seguiram actuações n'Ó Faia, n'Ó Folclore e no Picadeiro, de que aliás seria proprietário e onde foi dando azo ao seu amor pela guitarra portuguesa, acabando por formar o seu próprio conjunto de guitarras. Mas é quando acompanha Maria Teresa de Noronha, Lucília do Carmo, Carlos do Carmo, Francisco José, Tony de Matos, António Mourão, Frei Hermano da Câmara ou Hermínia Silva que Mestre Chainho começa a deixar marcas na história da guitarra portuguesa.

Estava há três anos em Lisboa quando a Emissora Nacional o convida para um programa de rádio - "Fados e Guitarradas" - em que actua, ao vivo e em directo, com o seu conjunto. Nele se agrupavam guitarristas como José Luís Nobre Costa e tocadores de viola como Raúl Silva e José Maria Nóbrega. Para quem tinha aprendido a tocar a guitarra de ouvido colado à telefonia, tinha chegado a vez de ser considerado um dos seus primeiros executantes enquanto autor de memoráveis recitais de guitarra transmitidos pela rádio em Portugal.

É por essa mesma altura, em finais dos anos sessenta, que grava o seu primeiro disco, o LP "Solos de Chainho", para a já extinta editora Rapsódia, seguindo-se mais três discos no mesmo formato para outras companhias discográficas.



O orgulho na sonoridade da guitarra portuguesa levou-o a querer destacá-la e a enveredar por uma carreira a solo. Com a modéstia que é reconhecida aos grandes, chama os maiores artistas para cantar consigo, confirmando que a sua missão é levar pelos

quatro cantos do mundo a sonoridade da Guitarra Portuguesa.

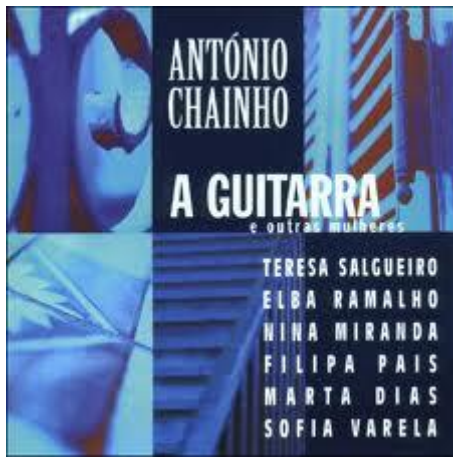


Actua então em recitais por todo o mundo: a solo ou dividindo o palco com Paco de Lucia ou John Williams; em concertos isolados ou em festivais dedicados à guitarra como aconteceu em Córdova. Abre uma nova frente ao iniciar uma discografia em nome próprio com o álbum "Guitarra Portuguesa" e um segundo disco gravado com a Orquestra Sinfónica de Londres, abraçando decididamente uma carreira discográfica, exclusivamente composta por temas originais.

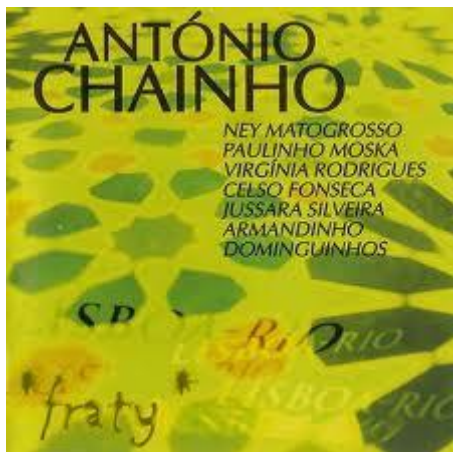
Num mesmo movimento explora novas direcções para o fado. Toca guitarra portuguesa no álbum "Fura Fura" de José Afonso e, com Rão Kyao, participa no álbum "Fado Bailado". Nessa altura experimenta o contacto com outras culturas e partilha a guitarra portuguesa com a voz de cantoras como as brasileiras Gal Costa e Fáfá de Belém, a espanhola Maria Dolores Pradera, a japonesa Saki Kubota ou a norte-americana kd Lang na colectânea "Red Hot + Lisbon".



Em 1998, grava "A Guitarra e Outras Mulheres", onde é acompanhado por Teresa Salgueiro (Madredeus), Marta Dias, Filipa Pais, Ana Sofia Varela, Elba Ramalho ou Nina Miranda (Smoke City), assim como alguns dos músicos mais prestigiados da "downtown" de Nova Iorque (Bruce Swedien, Greg Cohen, Peter Scherer). A sua dedicação e talento são finalmente reconhecidos e o disco vende mais de vinte mil cópias, tornando-se uma referência da música portuguesa.



No Brasil, Chainho, com Celso Fonseca e Jaques Morelenbaum, habitual arranjador de Caetano Veloso, protagoniza o álbum "Lisboa - Rio" e restabelece a ligação entre a música brasileira e a portuguesa. Num álbum que cruza a tradição portuguesa com alguns clássicos da música brasileira.



Mais tarde, Chainho é convidado para acompanhar as maiores vozes contemporâneas. O cantor lírico José Carreras não dispensa a sua colaboração num concerto no Pavilhão Atlântico; Adriana Calcanhotto chamou-o para junto de si numa das suas digressões em Portugal e Maria Bethânia convidou-o para se apresentar em espectáculos no Rio de Janeiro e São Paulo.

No Brasil, em Itália, ou no Japão, António Chainho insiste em divulgar a guitarra portuguesa. E em Portugal é o mentor de um projecto que acalentou durante doze anos: a Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa.

Durante alguns anos Chainho fez-se acompanhar por Fernando Alvim - o antigo parceiro de mestre Carlos Paredes. A cumplicidade musical destes dois mestres deslumbrou públicos um pouco por todo o mundo.

António Chainho, sabe reunir-se dos melhores. A vocalista, Marta Dias, foi uma das vozes de "Guitarra e Outras Mulheres" e tornou-se uma parceira privilegiada nos seus concertos em especial no álbum, gravado ao vivo no Centro Cultural de Belém, onde Chainho se fez acompanhar pelos músicos brasileiros Eduardo Miranda e Tuniko

Goulart e por Marta como única vocalista. Juntos levaram a palco uma musicalidade que entrou nos domínios do jazz, da soul ou até da música brasileira, sem nunca evitar o fado.



As apresentações de Chainho continuam a surpreender um pouco por todo o mundo e fazem escola entre alunos na Índia, Japão, Marrocos e Brasil. O reconhecimento internacional leva-o a ser considerado entre os melhores 50 instrumentistas da World Music pela conceituada revista Inglesa Songlines. Mas foi a criação da escola de Guitarra Portuguesa em Santiago do Cacém, sua terra natal, que lhe deu um especial orgulho, pois permite-lhe ensinar esta arte que tanto gosta. Recentemente, a sua cidade homenageou-o com a atribuição do seu nome ao seu mais recente espaço cultural, o Auditório Municipal António Chainho.



"Sinto-me um homem completo, pela importante homenagem que me faz a minha cidade. Uma cidade com muita tradição fadista e que nomeia o seu mais recente espaço de cultura com o meu nome. Espero que, de futuro, este espaço incentive os habitantes da nossa região a apostar na cultura e nos seus valores artísticos." Disse por altura da inauguração deste espaço a 23 de Maio de 2009

E quando parecia que não havia mais mundo para ser descoberto por Chainho e a sua guitarra portuguesa, outra viagem foi feita. *Lisgoa*, nome de disco, projecto e espírito, junta Portugal e a Índia num casamento perfeito entre o sagrado e o profano, entre a lágrima e a festa. Com temas cantados em Hindi e Concanim (dialecto goês com muitos vocábulos portugueses) e contando com cúmplices de primeira grandeza - de que se destacam Remo Fernandes, Natasha Lewis, Sónia Shirsat e Isabel Noronha nas vozes; a citar de Paulo Sousa e as tablas de Raimund Engelhart, a direcção musical de Carlos Barreto Xavier -, *Lisgoa* é mais

uma escala na geografia de afectos de que é feita a música de António Chainho. É uma viagem universal com um único ponto de partida e de chegada: a alma. Um novo descobrimento.



Para muita gente não terá passado despercebido que Mestre António Chainho tem sido ao longo das duas últimas décadas o artista Português que provavelmente mais tem cultivado uma relação com a música Brasileira. Inicialmente tocando com artistas brasileiros como convidado nas décadas de 70 e 80 (Maria Bethânia, Elba Ramalho, Fafá de Belém, etc), com o tempo, e a partir dos anos 90, passou de convidado a anfitrião.

Com feito, António Chainho teve a visão única no panorama da música Portuguesa de ir convidando ao longo dos últimos vinte anos da sua carreira grandes cantores e músicos brasileiros para parcerias nos seus diferentes discos, tendo gravado para o efeito diversos temas com artistas tão diferentes como Adriana Calcanhotto ou Dominginhos, Ney Matogrosso ou Armandinho, Elba Ramalho ou Celso Fonseca, Nina Miranda ou Jussara Silveira, entre tantos outros.



Esta experiência com a música do outro lado do Atlântico, sempre comandada pela sua guitarra e com a ajuda de muitos outros cantores e músicos Portugueses, é também um dos propósitos deste seu novo projecto "Entre Amigos": dois lados do Atlântico e duas músicas unidas por uma mesma

língua e por uma mesma forma de estar no mundo, a amizade.

Foi para apresentar o seu novo espectáculo baseado neste projecto "Entre Amigos" que António Chainho esteve de regresso ao CCB Grande Auditório em Julho passado, estreia com casa totalmente esgotada numa noite de grande êxito em que o Mestre revisitou grande parte da sua discografia onde constam CD's como "A Guitarra e Outras Mulheres", "Lisboa - Rio" e "Ao Vivo no CCB", entre outros, tendo contado para o efeito com a participação de vários dos artistas que colaboraram nesses discos. A edição discográfica de "Entre Amigos" viu recentemente a luz do dia numa coletânea que reúne a maior parte dessas parcerias.

"Entre Amigos" é desta forma a primeira grande ponte musical entre Portugal e Brasil realizada de forma sistemática por um só artista ao longo de duas décadas, projecto que António Chainho retomou em 2012 gravando dois inéditos com Adriana Calcanhotto e Camané: "Vislumbre", um tema de Adriana para um poema de Mário Sá Carneiro, e "Pietá" um grande e novo Fado de António Chainho para a voz de Camané.



Na sequência do lançamento do CD "Entre Amigos", Mestre António Chainho foi uma vez mais distinguido com dois prémios pelo seu contributo para o Fado e para a cultura Portuguesa numa carreira artística que conta já com quase cinquenta anos enquanto guitarrista, compositor, intérprete e produtor musical: a Medalha de Mérito Municipal atribuída pela Câmara Municipal de Lisboa no âmbito das celebrações do aniversário da proclamação do Fado como Património da Humanidade; e o Prémio Prestígio dos Prémios Amália 2012, em cuja Gala de entrega dos prémios no Coliseu de Lisboa actuou.

Fonte: Nuno Sampaio / Ghude